

## UM PONTO UM CONTO: POR UMA PEDAGOGIA DA FRONTEIRA

**PINHEIRO, Cristiano Guedes<sup>1</sup>; BUSSOLETTI, Denise Marcos<sup>2</sup>**

**Orientador: BUSSOLETTI, Denise Marcos<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [cgptapes@hotmail.com](mailto:cgptapes@hotmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [denisebussoletti@gmail.com](mailto:denisebussoletti@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

Ao longo dos últimos quatro anos o NALS (Núcleo de Arte Linguagem e Subjetividade) ligado à Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Pelotas, vem desenvolvendo um conjunto de ações que buscam a valorização e a visibilização de diversas formas e manifestações da cultura popular. Um desses projetos, em específico, é o “Fórum Internacional de Contadores de Histórias” (FICH), que está, agora em 2012, em sua terceira edição. Através das narrativas populares o Fórum tem buscado o diálogo com grupos periféricos e com aquilo que nominamos de “estéticas periféricas”. Além do Fórum de Contadores de Histórias, o NALS articula e desenvolve também o projeto de pesquisa: “Narrativas Cotidianas: Memória, Identidade e Representação”. A pesquisa para a dissertação de mestrado que apresentaremos neste trabalho, surgiu, justamente, dessas ações de pesquisa e extensão do núcleo, ou seja, foram os trabalhos já desenvolvidos pelo NALS que fomentaram a pesquisa em curso e que acabaram por indicar o recorte temático agora proposto, assim como, foram as ações do núcleo que possibilitaram o encontro com nosso sujeito de pesquisa.

Dona Sirley, uma mestra *griô*<sup>1</sup> do movimento negro da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, é uma contadora de histórias de 76 anos, que conta e canta histórias de sua ancestralidade pelas antigas charqueadas da cidade e de suas próprias vivências pelo carnaval local, cenário de onde emergem a maior parte de suas histórias e memórias. É também, uma costureira aposentada que mora na periferia da cidade; além de *griô*, pode ser nomeada como uma ativista cultural, pois participa de diversos grupos de promoção e valorização do negro, do idoso e de trabalhos com crianças, além de ser uma reconhecida carnavalesca pelotense.

Partindo de sua história, o que objetivamos com a pesquisa é problematizar a prática das narrativas populares enquanto processo educativo e de resistência, nos marcos de uma “pedagogia da fronteira”. Nessa direção e na perspectiva crítica assumida, de valorização das culturas populares como fazeres e saberes legítimos (tanto quanto aqueles produzidos academicamente), nos valeremos de autores como: Walter Benjamin (1994), Homi Bhabha (1998), Boaventura de Souza Santos (2001; 2003), Peter McLaren (1999), Henry Giroux (1992; 1997) e Pedrinho Guareschi (2009). Pretendemos assim, ao final, que esse estudo possa

---

<sup>1</sup> Os *griôs*, de forma bastante genérica, e aqui seguindo Hampâté Bâ (2010, p. 193) para a definição do que seja um *griô* em África, são músicos; embaixadores e cortesãos; genealogistas, historiadores ou poetas. A prática *griô* tem forte tradição na África Ocidental, com destaque para as regiões do Mali, Senegal, Gâmbia e Guiné. *Griô* é a forma aportuguesada da terminologia francesa *griot*.

apontar para a proposta de uma “pedagogia da fronteira” – conceito que propõe o restabelecimento da criticidade da formação pedagógica; que valoriza o fazer e as ideias ditas “não acadêmicas” tanto quanto o são os conhecimentos estabelecidos pelas culturas populares; que possibilite a experiência e a vivência da diversidade identitária, enfim, que se caracterize como sendo o:

[...] espaço de fronteira que precisamos revisitar, não apenas nas teorias de fronteiras da academia, mas também nas contingências vivas da luta revolucionária. Identidades de fronteira dizem respeito ao fazer; ao engajamento em idéias e relações pelo conhecimento encenado e corporal, um conhecimento que está representado nas vidas de Paulo Freire, Rosa Luxembourg, Rosa Parks, Che Guevara, Malcom X, Subcomandante Marcos entre outros, incluindo Jesus. (MCLAREN, 1999, p. 103-104).

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Os objetivos traçados para esse estudo estão sendo alcançados através dos pressupostos metodológicos que caracterizam a pesquisa qualitativa em educação. Dessa forma, considerando o recorte temático aqui proposto, a abordagem adotada tem sido o estudo de caso. A coleta de dados por sua vez, tem se dado através da observação participante, da entrevista narrativa e da análise documental, tendo na análise dos dados o momento em que se fechará o processo metodológico da pesquisa.

O estudo de caso leva em consideração que o “caso”, mesmo podendo ser similar a outros, também é, ao mesmo tempo, distinto, pois tem um interesse próprio, singular. Assim, entende-se que (mesmo sendo a prática narrativa *grîô* uma prática intercontinental), o caso aqui estudado possui suas especificidades, e mesmo não podendo descontextualizar – antes, pelo contrário, como demonstra a contextualização histórica aqui assinalada na sequência do texto – esse mesmo caso se coloca como uma experiência única, particular, embora possa vir a se verificar certas semelhanças com outros casos e situações.

A observação participante não é tão somente a observação direta, *in loco*, mais do que isso, ela envolve um conjunto de técnicas metodológicas, como a própria análise documental, a entrevista, a participação e a observação direta e a introspecção, assim como pode, o pesquisador, fazer a opção de ser um participante total do grupo pesquisado, assumindo inclusive um compromisso político de ação conjunta. Dessa forma, o grau da observação participante que adotaremos nesse trabalho será determinado ao longo do desenvolvimento da pesquisa conforme as relações de imersão e distanciamento assim o permitirem.

As entrevistas serão “narrativas”, seguindo o modelo de Fritz Schütze desenvolvido por Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer, para quem a Entrevista Narrativa “[...] tem em vista uma situação que encoraje e estimule um entrevistado [...] a contar a história sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social.”, objetivando a reconstrução de “[...] acontecimentos sociais a

partir da perspectiva dos informantes, tão diretamente quanto possível” (BAUER; GASKELL, 2002, p. 93).

Esse método de pesquisa qualitativa, considerada não estruturada, se contrapõe ao esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas – que acabam por impor a estrutura das entrevistas, quando é o pesquisador que seleciona o tema, ordena as perguntas e faz as perguntas a partir de seu próprio vocabulário. A entrevista narrativa emprega, assim, o próprio contar e escutar histórias como método para conseguir seus objetivos, ou seja, a narração é provocada através de questões específicas, a partir do momento que o informante começa a contar sua história, sustentando ele próprio o fluxo da narração. Subentende-se deste modo, que a perspectiva do entrevistado será melhor revelada, oportunizando que ele utilize sua própria linguagem de forma espontânea.

Quanto à questão da ética, o presente trabalho foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Enfermagem da UFPel, sob o Protocolo Interno nº 012/2012, estando a referida submissão em andamento. Do mesmo modo, já apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ao sujeito da pesquisa, solicitando sua assinatura, conforme a Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996, do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa aqui apresentada encontra-se em sua fase final. Várias etapas já foram concluídas, como o levantamento bibliográfico, a análise do material bibliográfico, o levantamento de documentos, a análise parcial dos documentos e a submissão da pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa. Nessa fase final, procederemos ainda, à observação participante, à coleta de dados (entrevistas), à análise dos dados das entrevistas e da parte do material documental restante, à redação final e à apresentação da pesquisa.

### 4. CONCLUSÕES

Os caminhos seguidos até esse momento na pesquisa, com as opções teóricas e metodológicas que fizemos, tem nos apontado na direção de que a cultura popular (que tem na tradição oral, a acumulação capital de suas criações sócio-culturais e sua manifestação por excelência) tem se tornado uma alternativa bastante frutífera para o repensar da sociedade e da proposição de novas formas de relações comunitárias. A experiência da prática *grîô*, enquanto recorte para nosso estudo, tem possibilitado perceber que os saberes distintos: aqueles produzidos na academia e aqueles produzidos nas, e a partir das comunidades periféricas, não se contradizem, mas podem em muito se complementarem. A partir desse entendimento, acreditamos ser urgente consolidar isso que entendemos por “pedagogia da fronteira”. Uma pedagogia pautada no seu compromisso por um restabelecimento da criticidade da formação pedagógica,

valorizando o fazer e as ideias ditas não acadêmicas tanto quanto o são os conhecimentos estabelecidos. Para tanto, é necessário reconhecer outras possibilidades de saberes, de experiências, e que uma das marcas desse tempo histórico em que vivemos é a diversidade, e, como tal, nossos conceitos podem, e talvez devam, ser reelaborados.

Nesse sentido é que apresentamos e pensamos aqui a prática da narrativa *griô* de Dona Sirley. Prática esta fundada em sua experiência enquanto carnavalesca, ativista cultural e costureira; uma costureira que tem no fuxico<sup>2</sup> a expressão simbólica de sua arte de contar histórias, que a cada ponto no fuxico remonta um conto de sua história, da história da cidade, de histórias que ouviu contar.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras Escolhidas; vol. I).

BHABHA, Homi K. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE (CNS). Resolução nº 196, de 10 de outubro de 1996. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Poder Executivo, Brasília, DF, 16 out. 1996. Seção 1, p. 21082-21085.

GIROUX, Henry, MCLAREN, Peter. A Educação de professores e a política de reforma democrática. In: GIROUX, Henry. **Os Professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 195-212.

GIROUX, Henry. **Border crossings: cultural workers and the politics of education**. New York, NY: Routledge, 1992.

GUARESCHI, Pedrinho. **Psicologia social crítica: como prática de libertação**. 4. ed. rev. ampl. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. A Tradição viva. In: **História geral da África, I: metodologia e pré-história da África**. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2.ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p. 167-212.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 2ª. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

SANTOS, Boaventura (Org.). **Globalização: fatalidade ou utopia?** Porto: Edições Afrontamento, 2001.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Reconhecer para libertar: os caminhos do cosmopolitismo multicultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

---

<sup>2</sup> O fuxico é uma técnica artesanal que aproveita sobras de tecidos para fazer uma pequena trouxinha de pano. Segundo o conhecimento popular, o fuxico surgiu nas senzalas, quando, as escravas ao costurarem os retalhos desprezados pela casa-grande, ficavam conversando sobre o dia-a-dia